

Os longas do Brasil que disputam o sonho do Oscar

PÁGINA 5



Novo filme de Woody Allen foi rodado na França

PÁGINA 4



Monólogo de SC denuncia genocídio de pessoas pretas

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação

Revolução



Carro de resistência LGBTQIAPN+ no desfile da Mocidade Independente em 2020

pela alegria

Na harmonia do samba e da sociologia, o documentário 'Não Vamos Sucumbir', de Miguel Przewodowski, aborda os bastidores dos desfiles de carnaval num retrato político e poético

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Pedacinho colorido de saudade, o confete faz estrela em "Não Vamos Sucumbir", inventário cinematográfico de cicatrizes, resiliências e batiques ligados ao maior espetáculo da Terra nos quesitos samba e integração social. Com olho de antropólogo e lente de poeta, o cineasta Miguel Przewodowski leva às telas, a partir desta quinta-feira (19), um registro (obrigatório) de um tempo em que o apito carnavalesco quase foi silenciado, parte pelo terror da covid-19, parte pela mordada de um governo avesso à diversidade e à cultura.

Seu filme entra em circuito cartografando a luta de quem sua a camisa, ano a ano, para honrar a majestade de Rei Momo na Sapucaí. Seu mapeamento parte de uma geopolítica de guerra. A guerra que toda a comunidade do carnaval travou quando a cidade fechou suas portas – ali por março de 2020 – e adiou parte de seus sonhos, acossada pelo coronavírus. O gemido das cuícas deu lugar a tosses ferozes.

Em 2021, não havia como se

falar em blocos, em carros alegóricos. No entanto, muita gente almejou voltar para a Avenida, o que só aconteceu em 2022. É dessa gente que Przewodowski fala, a partir de uma poética trança de memórias do quanto se batalhou para a festa daquele ano existir.

Interessado em dinâmicas sociais, o cineasta visitou barracões, acompanhou ensaios, filmou a peleja de um povo que faz tudo para a Quarta-Feira de Cinzas valer a

pena. Pensou ainda toda a gênese desse evento de reverberação transcontinental que é a disputa anual dos grêmios recreativos do samba.

Alternando análises e vivências in loco, "Não Vamos Sucumbir" promove uma viagem pelos bastidores das escolas de samba sob o olhar de seus mais importantes pensadores, de suas realizadoras/de seus realizadores, de quem dança, de quem toca.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / MIGUEL PRZEWODWOSKI, CINEASTA

'O samba não tem fronteiras'

Alternando análises e vivências in loco, “Não Vamos Sucumbir” promove uma viagem pelos bastidores das escolas de samba sob o olhar de seus mais importantes pensadores, de suas realizadoras/de seus realizadores, de quem dança, de quem toca. Realizador (com Christiane Torloni) do tratado ecológico “Amazônia, O Despertar da Florestania” (2019), Przewodowski flana agora por um outro ecossistema, abordando os conflitos políticos e os desajustes sociológicos por trás daquilo que agita a Avenida ali pelo mês de fevereiro debaixo de muita serpentina. Nesta entrevista ao Correio da Manhã, o diretor explica a geografia da resistência que encontrou na alma carnavalesca do povo carioca.

“Não Vamos Sucumbir” faz sociologia, faz antropologia, mas faz sobretudo poesia ao propor um inventário das vivências do carnaval no Rio. De que maneira essa celebração dionisíaca da vida redesenha o imaginário dos cariocas, para a própria cidade e para o mundo?

Miguel Przewodowski: Olhando para o Rio de hoje, uma cidade cada vez mais setorizada e acuada pelos impactos reais e psicológicos da violência, o carnaval das escolas de samba cria numa licença poética um espaço de colaboração e convívio, onde as diferenças abissais, territoriais e sociais da cidade, podem ser parcialmente harmonizadas por meio da disputa no campo do simbólico proposto pela arte, pela criação. Mais do que isso, os desfiles das escolas têm sido, ao longo de quase um século de trajetória, um ambiente onde é possível redimensionar a História Oficial ou reconta-la com elementos muito mais democráticos que incorporam narrativas e olhares plurais dos inúmeros saberes da nossa diversidade. Mas nem sempre essa voz da diversidade e das camadas populares esteve num primeiro plano, como hoje pode estar, e, em muitos momentos da História, ela teve que ser mantida camuflada em elementos capazes de driblar os olhares sociais per-

secutórios das elites brancas e da censura de instancias oficiais. O filme fala desse caminho de negociação e resiliência ao longo dessa trajetória e das razões que seguem dando força e significado as escolas. O vigor e a relevância do carnaval das escolas começa muito antes do evento oficial e isso é algo que transforma as comunidades e a cidade.

Como se dá essa transformação?

Muita gente que assiste ao desfile não faz a menor ideia do papel das escolas nas comunidades. Ao longo do ano, as escolas empregam e capacitam profissionais das suas comunidades nas mais diversas áreas. Muitos têm nesse entorno das escolas o sustento. As quadras das escolas são lugares de integração e reconhecimento cultural da comunidade. A disputa do carnaval que acontece no Sambódromo não acontece nos ensaios na quadra que frequentemente recebem de forma extremamente respeitosa sambistas e componentes de outras escolas. O samba não tem fronteiras e promove a integração. Promove a cultura do respeito à tradição e ao valor da arte como um bem maior. Tudo isso chega ao carnaval e ao público dos desfiles. Acho que esta revolução pela alegria que desfila nas escolas ensina e dá orgulho ao carioca. Ela é muito potente e a população reconhece isso,

“*Esta revolução pela alegria que desfila nas escolas de samba ensina e dá orgulho ao carioca*”

se sente representada no melhor do espírito do seu povo, tão inventivo e espirituoso.

O que o carnaval ainda simboliza em relação às tensões sociais da cidade?

A população percebe que temos aqui provavelmente o maior evento de arte coletiva do mundo. Todo este potente processo de atuação das escolas de samba nas suas comunidades e na cidade é de grande complexidade e envolve instâncias muito particulares, o que faz com que seja impossível de ser transposto na íntegra de seu espírito para outras partes no mundo, por mais que tentem. Ele tem muito a nos ensinar sobre nós e principalmente ao pensamento dicotômico e separatista que cada vez mais se desenha no mundo. Infelizmente no Brasil as escolas de samba ainda não ganharam o lugar mereci-

do nas instituições acadêmicas que teimam, muitas vezes, em reduzi-las a um fenômeno menor, alegórico ou meramente de impacto econômico e ao turismo.

Como foi estruturado o mapeamento dos personagens do filme e de que forma os diferentes atores sociais/arquétipos da festa de Momo foram desenhados em sua dramaturgia?

Contei com a brilhante consultoria de Antônio Vieira, pesquisador e grande artista gráfico do carnaval. Desde o primeiro momento, quando tive a ideia de fazer o filme, ele me respaldou com informações, desenhos de pautas e uma excelente pesquisa de personagens. Graça a ele cheguei com certa facilidade a figuras emblemáticas do nosso carnaval e a pensadores desta festa e das manifestações populares. Traçamos juntos um mapa que tanto abrangia os aspectos históricos - quase sempre presente nos meus filmes e tão necessários a esse argumento - quanto a contemporaneidade e suas questões. Fizemos para isso ótimas entrevistas com pesquisadores, carnavalescos e componentes de diversas escolas e acompanhamos desde o princípio o processo de criação do carnavalesco João Victor Araujo para o desfile de 2020, dentro do barracão da Paraiso do Tuiuti. Em 2020, o João era também o único carnavalesco negro do Grupo Especial. O único numa manifestação originalmente criada por trabalhadores negros e pobres da cidade do Rio de Janeiro. Acho que isso fala bastante sobre o tema e seu momento. A Paraiso do Tuiuti é uma escola de São Cristóvão com grande tradição de carnaval e importância na comunidade.

Como foi a relação com a escola?

Desde o início, ela nos acolheu maravilhosamente, tanto no barracão como na quadra, além de também nos ensaios de rua. O meu interesse era fazer um filme que discutisse de forma atemporal esse papel das escolas,



“*Infelizmente no Brasil as escolas de samba ainda não ganharam o lugar merecido nas instituições acadêmicas que teimam em reduzi-las a um fenômeno menor, alegórico*”

mostrando o que existe antes de um desfile e o seu papel social e cultural que não pode ser visto na íntegra na avenida e nas tevês. Sem dúvida o carnaval das escolas é um tema muito vasto e o que o filme traz é apenas um recorte. Sofri bastante na edição tendo que sacrificar tantas coisas interessantíssimas e até personagens e aspectos que não caberiam num único filme ou que teriam mais força se acompanhados de imagens e arquivos que não tínhamos como adquirir. Acharia muito bacana se um dia esse material pudesse ser ainda usado numa série.

Um dos aspectos técnicos que mais se destacam no filme é sua engenharia de som, para dar conta do estrondo que é o carnaval. Como esse desenho sonoro foi pensado?

O desenho de som foi pensado como um elemento narrativo que pudesse trazer sensorialmente a atmosfera do carnaval e suas transformações ao longo do tempo assim como a tão relevante espiritualidade da festa. Priorizamos os registros captados diretamente com o intuito de levar para sala de cinema a ambiência das diferentes locações com autenticidade, mas dosando e equalizando irregularidades sonoras que pudessem interromper esta imersão necessária à unidade do filme. Por outro lado, acompanhando a montagem e criando outro tipo de unidade, o som busca rupturas para ajudar a dinâmica de momentos narrativos mais densos e criar elipses temporais já que uma das linhas narrativas do filme é a criação de um desfile e a gradativa e crescente inserção da comunidade durante o processo ao longo dos meses antes do carnaval. Nesse sentido, o som acompanha a entrada de novos elementos a cada etapa deste caminho até a concentração, os desfiles e a situação do público do Sambódromo.

Da Amazônia para os barracões das escolas (+ Sambódromo), seu cinema faz

um trânsito entre geografias, humanas e físicas, sempre com um olhar (geo) político sobre a sobrevivência dos povos. Levando essa mirada para o universo do carnaval, o que mais mudou na economia dessa festa na virada dos séculos XX para o XXI?

Em 2019, o prefeito da cidade era Marcelo Crivella, bispo da Igreja Universal declaradamente contra os desfiles de carnaval. O então presidente do país era um homem que desprezava a cultura e as expressões populares. Vi naquele momento, na prática, como as escolas de samba tiveram novamente que se reinventar diante desse duplo antagonismo para fazer sem recursos financeiros um carnaval que fizesse jus à grandeza da sua história. Testemunhei a paixão e a determinação como principais combustíveis na realização daquele grande carnaval. Reconheci certa semelhança entre o processo que vivia na realização do filme, sem patrocínio, feito em grande parte com recursos próprios das duas produtoras associadas, com uma equipe altamente colaborativa, comprometida e apaixonada. Tudo fazia sentido, pois estava claro o que era necessário ser feito para que pudéssemos honradamente atravessar e superar a pobreza daquele momento histórico da cidade e do país. Entendo que o cinema, como uma escola de samba, consideradas as proporções, é também um trabalho criação coletiva onde todos os elementos importam e resultam. Acho que esse espelhamento da coletividade ajudou em muito a respaldar, dar gás e nos fazer entender que não estávamos sós. Claro, que tudo isso poderia ser feito com recursos de uma forma muito mais confortável, mas talvez eu não atentasse, como aconteceu, sobre esse elemento motriz básico que dá sentido à criação. O carnaval das escolas oscila entre períodos com apoios econômicos e ou outros mais pobres. Na linha do tempo do filme, esse é um viés abordado em especial pelo (jornalista e escritor) Fabio Fabato, que compara os carnavais patrocinados da primeira década deste século, por vezes engessados por compromissos com patrocinadores, com o vigor de desfiles do século passado e do final da segunda década deste século, quando os recursos estavam mais escassos. Conhecer a História nos faz ter a possibilidade de pensar nas possíveis reincidências e antecipar problemas futuros. O que vemos agora é que, mesmo depois da ameaça da pandemia e mesmo depois do não carnaval de 2021, com a possibilidade da finitude, a festa voltou em 2022 com ainda mais vigor e com força criativa e atitude política. Isso inclusive me ajudou muito a encontrar o nome do filme. As ameaças mudaram de endereço mas seguem existindo e a arte das escolas seguirá dando a resposta à altura.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Incluir Woody Allen em um currículo de parcerias com algumas das mais respeitadas vozes autorais do cinema internacional era uma experiência que Melvil Poupaud não poderia deixar passar, mesmo com toda a ameaça de “cancelamento” que cerca o realizador de “Annie Hall” (1977), aqui traduzido como “Noivo Neurótico, Noiva Nervosa”. O convite veio para um filme que o mestre nova-iorquino rodou na França, com elenco majoritariamente egresso de lá e com uma trama mais próxima do suspense do que do riso, embora preserve o ingrediente essencial do realizador, o amor: “Golpe De Sorte Em Paris” (“Coup de Chance”).

A produção estreia no Brasil nesta quinta-feira. Nela, Melvil dá vida a um arquétipo que, no caso de um cineasta mais corriqueiro, seria chamado de “vilão”, mas no caso do diretor de “Blue Jasmine” (2013) é um coração fraturado... e perigoso.

“Existe um espaço de investigação da condição humana - a incerteza - que me interessa muito por espatifar as convenções morais que nos levam a julgar ‘isto é certo’ ou ‘isto é errado’. Eu venho encontrado esse espaço no cinema sempre que um artista com ambição humanista me procura e me convida para ler seu script”, disse Poupaud ao Correio da Manhã, durante o Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, fórum de promoção da produção audiovisual de seu país, após terminar as filmagens com Allen.

Revelado às telonas aos 10 anos, em “A Cidade dos Piratas”, do chileno Raúl Ruiz (1941-2011), com quem filmou múltiplas vezes, o músico e ator parisiense esteve nesse evento de novo este ano em uma prestigiosa condição: foi lá buscar um prêmio honorário pelo conjunto de sua carreira, o French Cinema Award. Havia acabado de atuar em um par de longas ainda inéditos (“Plus Forts Que Le Diable” e “Les Règles De L’art”) e se preparava para ingressar no elenco de “Aimer Perdre”, hoje em curso, quando conquistou a láurea do Mi-



Em novo filme de Woody Allen, Melvil Poupaud é um milionário que surta ao notar a infidelidade da companheira

O lado selvagem da França de Woody Allen

Na ativa nas telas desde os 10 anos, o parisiense Melvil Poupaud encarna o lado mais letal da burguesia em ‘Golpe de Sorte em Paris’, que o diretor de ‘Annie Hall’ rodou na Europa

nistério da Cultura de sua nação. Naquele momento, seu rosto estava em várias salas de exibição do Velho Mundo, onde “Golpe de Sorte em Paris” era exibido.

“Eu participei de filmes que passaram por Cannes ou por Veneza, mas em sessões paralelas, e não tiveram a melhor das bilheteria em cartaz, mas, ainda assim, preservaram seu lugar na memória das pessoas, ao carregarem a marca autoral de determinadas ou determinados cineastas que construíram uma identidade. Tive a chance de trabalhar algumas vezes com Fran-

çois Ozon e Arnaud Desplechin, que fazem parte dessa linhagem de criadores que fazem as pessoas se recordarem sempre de suas histórias. O mais importante do cinema de autor é que ele se faz assunto, gera debate, resiste”, disse Poupaud ao analisar a relevância de diretores como Woody Allen.

Visto por 137 mil pagantes na França, “Golpe de Sorte Em Paris” se instaura numa linhagem woodyalleniana em que estão “Crimes e Pecados” (1989), “Ponto Final: Match Point” (2005) e “O Sonho de Cassandra” (2007), ou seja, enre-

dos em que o olhar habitualmente romântico desse cineasta resvala na violência. O personagem de Poupaud, Jean, é um homem riquíssimo, casado com uma mulher bem mais moça, Fanny (Lou de Laâge). A vida afetiva deles é pura bonança e gozo até o dia em que ela esbarra acidentalmente com o escritor Alain (Niels Schneider), um antigo colega de escola, e fica encantada pelo sujeito. A alma livre do antigo companheiro de classe, expressa em sua aposta radical na arte, é um ímã para os hormônios e para os sonhos de Fanny, que acaba se envolvendo

com o rapaz. Não demora para Jean descobrir e esboçar um plano para eliminar (na desinência mais radical desse verbo) o rival.

“Venho trabalhado nos últimos anos em narrativas passionais, que testam limites do querer, como foi o caso de ‘Briga Entre Irmãos’, de Desplechin, que finalizamos em 2022, e resgata um caminho sempre instigante para a arte cinematográfica, o melodrama. Gosto quando roteiros caminham pelo excesso”, diz Poupaud, que, aos 51 anos, integra o elenco do recente “Macello Mio”, um dos concorrentes à Palma de Ouro deste ano, que presta um tributo ao legado de Marcello Mastroianni (1924-1996). “Ser ator é investigar extremos”.

Envolvido ainda numa série de experimentos musicais, Poupaud lançou há pouco um livro de memórias, “Quel est Mon noM?”, no qual relembra suas vivências, desde menino nos sets. “O livro foi uma forma de evitar frustrações possíveis de não criar meu próprio material”, diz Poupaud, que atraiu elogios por seu desempenho sob a batuta de Allen.

Divulgação

**Motel Destino**

Divulgação

**Saudade Fez Morada Aqui**

Divulgação

**Levante**Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Segunda-feira, a Academia Brasileira de Cinema e Artes Audio-visuais bate o martelo acerca de quem pode representar o país na corrida por uma vaga na disputa do Oscar de Melhor Filme Internacional, partindo de uma lista de seis longas-metragens anunciada anteontem. Todos os candidatos tiveram destaque em mostras estrangeiras de prestígio: “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas; “Levante”, de Lillah Halla; “Motel Destino”, de Karim Ainouz; “Saudade Fez Morada Aqui Dentro”, de Haroldo Borges; “Sem Coração”, de Nara Normande e Tião; e “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que será exibido no Festival de San Sebastián, na Espanha, no fim de semana.

Passa em telas ibéricas depois de ter arrebatado o prêmio de Melhor Roteiro em Veneza. Chega à seleção com status de “Já ganhou!”, até pelo histórico de seu realizador, indicado à estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood em 1999, por “Central do Brasil”. Há, contudo, muita discussão a ser feita, não só pela fortíssima tessitura estética de seus rivais, mas pelo simbolismo político e comportamental de cada um, o que conta muito num momento de revisionismo nos procedimentos da Academia e no cenário de radicais estratégias tomadas por outras nações a fim de concorrer nos EUA. Enquanto decidimos qual será nossa candidatura oficial, outros 45 países já fizeram suas escolhas.

Os dois nomes de maior relevo entre os títulos de outras nações já divulgados são “Dahomey”, do Senegal, que deu o Urso de Ouro à diretora Mati Diop, e “The Seed of the Sacred Fig”, que garantiu ao iraniano Mohammad Rasoulof três prêmios de peso no Festival de Cannes, em maio. Como esse diretor está sob condenação em seu país, por expor as brutalidades de seu governo, a produção, que será exibida no Festival do Rio (3 a 13 de outubro), concorre pela Alemanha, terra onde o cineasta buscou abrigo. Des-

Na estrada do OSCAR

Divulgação

**Ainda Estou Aqui**

Academia Brasileira de Cinema tem que escolher um entre seis longas para representar o país na disputa de Hollywood, com múltiplos holofotes sobre o novo filme de Walter Salles

Divulgação

**Cidade; Campo**

Divulgação

**Sem Coração**

taca-se ainda o irlandês “Kneecap”, de Rich Peppiatt, revelado em Sundance (e hoje bem badalado no Reino Unido), e o português “Grand Tour”, de Miguel Gomes, que saiu da Croisette com o Prêmio de Melhor Direção.

Depois de uma recente jornada pelo Toronto International Film Festival (TIFF), considerado um quintal da Academia, onde são colhidos os potenciais candidatos ao Oscar, “Ainda Estou Aqui” ampliou sua visibilidade global, arrebatando rasgados elogios da crítica. Produzido por Rodrigo Teixeira (de “A Vida Invisível” e “O Farol”), o drama brasileiro marca a volta de Walter Salles à ficção. Sua trama, baseada em romance biográfico homônimo de Marcelo Rubens Paiva, é ambientada no Rio do início dos anos 1970, quando o país enfrenta o endurecimento da ditadura militar, pós AI-5.

No epicentro da dramaturgia há uma família, os Paiva: Rubens (Selton Mello), Eunice (Fernanda Torres), filhas e filhos. Eles vivem na frente da praia, numa casa de portas abertas para os amigos. Vivem assim até Rubens ser levado por militares à paisana e desaparece. Eunice empreende por décadas a busca pela verdade sobre o destino do marido.

Em 1998, Walter ganhou o Urso de Ouro na Berlinale, na capital alemã, por “Central do Brasil”, que o levou a disputar o Oscar. Tinha Fernanda Montenegro a seu lado. Ela volta a escudá-lo em “Ainda Estou Aqui”, vivendo Eunice em idade mais madura.

Foi a mesma Berlinale que consagrou “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas, com o prêmio de Melhor Direção na mostra Encontros. Entre todos os longas que brigam pelo apreço dos votantes da Academia Brasileira, esse é único filme, além de “Ainda Estou Aqui”, que poderia se cacifar bem na caça ao Oscar não apenas pelo vigor de sua estrutura formal, mas pelo modo como celebra a força feminina e como enfrenta tabus recorrentes na representação do amor queer. Seu roteiro se divide em dois hemisférios: num, uma agricultora que perdeu tudo na tragédia de Brumadinho se muda para a metrópole; noutro, um casal de namoradas vai tentar a sorte num sítio isolado.

CORREIO CULTURAL

Redprodução



Miley Cyrus recebeu o Grammy por 'Flowers'

Miley Cyrus é processada por suposto plágio de Bruno Mars

A Tempo Music Investments, dona de parte dos direitos autorais sobre a obra de Bruno Mars, abriu processo contra a cantora Miley Cyrus. Ela é acusada de ter plagiado a faixa "When I Was Your Man" em sua música "Flowers", que ganhou o Grammy de gravação do ano em fevereiro. O cantor não é autor no processo.

A Tempo Music cita semelhanças entre as letras, melodias, harmonias e refrões das canções e acusa Cyrus de ter copiado a faixa intencionalmente, usando até a mesma progressão de acordes. E questiona o Grammy de "Flowers", argumentando que a faixa premiada não existiria sem "When I Was Your Man."

Reforço

Globo acertou a participação de Katy Perry no reality show Estrela da Casa. A cantora pop chegou ao Brasil nesta terça-feira (17) para realizar um show na edição de 40 anos do Rock in Rio, mas antes irá para o programa comandado por Ana Clara Lima.

Deu B.O.

Sean Combs, rapper e magnata da música, foi preso em Nova York (EUA) após acusações de abuso sexual. Empresário responsável pela ascensão de grandes nomes do hip hop, Combs acumula acusações de exploração sexual e tráfico de pessoas.

Luto na música

O selo americano Far Out Recordings anunciou que o músico José Mauro morreu aos 76 anos de pneumonia. Reconhecido por álbuns lançados nos anos 1970, José foi tido como desaparecido até a Far Out travar contato com ele em 2021.

Futuro incerto

O Jane's Addiction cancelou os shows de sua turnê após uma briga no palco durante apresentação em Boston (EUA). Membros da banda atribuem a decisão à saúde mental do vocalista Perry Farrell e o futuro do grupo hoje é incerto.



'O Corpo Que Eu Habito' é fruto de trabalho coletivo entre coreógrafos e dançarinos

Vivências do corpo

Espectáculo que une as linguagens de dança, teatro e performance faz curta temporada no Teatro Cacilda Becker

Em turnê nacional, o espetáculo "Corpo Que Eu Habito" chega ao Teatro Cacilda Becker para seis apresentações entre os dias 20 e 29. O espetáculo concebido pela Cia da Ideia é um híbrido que une elementos de dança, teatro, música e performance que se mesclam com o objetivo de promover uma reflexão sobre o corpo de cada indivíduo no aqui e agora.

Em cena cada artista / intérprete leva ao palco suas experiências, histórias e particularidades, explorando as possibilidades e potencialidades de seus corpos. Sete bailarinos compõem seus solos que acabam por se tangenciar formando duos, trios e momentos de encenação coletiva que darão a dinâmica da convivência entre diferentes conhecimentos e signos, provocando um "debate coreográfico" sobre tempo, espaço, sentimen-

to, vivências, herança, memória, história, sentimento de pertencimento. "Entendemos que este mapeamento da 'construção corporal' também se faz a partir de experiências não escolhidas de uma consequência involuntária do tempo e dos acontecimentos", diz a coreógrafa Sueli Guerra.

A partir de um profundo trabalho de pesquisa e reflexão, Sueli, o também coreógrafo Alessandro Brandão e os integrantes da Cia da Ideia buscaram o entendimento da construção de seus corpos na atualidade. Esse estudo constituiu uma caminhada através da história de cada um, mapeando a forma como cada corpo foi trabalhado, pensado e sentido.

"Aqui trabalhamos a ideia de um corpo manipulável e não previsível; suscetível e vulnerável. O corpo como uma condição aberta e dinâmica em função das suas experiências e mediação social", destaca Sueli.

Além do espetáculo, a Cia da Ideia promove a oficina / laboratório de criação gratuita "O Corpo que Habitamos", que disponibiliza a seus participantes ferramentas de conhecimento de uso do próprio corpo e criação a partir do autoconhecimento.

As oficinas são direcionadas a pessoas que tenham ou não experiências corporais prévias, e possibilitará que os participantes desenvolvam suas capacidades de interpretar sem a rigidez de uma estética de dança única, porém trabalhando conceitos amplos de dança como espacialidade, gravidade e suspensão, ritmo, coordenação, intenções de movimento, memória e improvisação. Caso tenham interesse, os participantes da oficina poderão entrar em cena para participar da última cena do espetáculo.

SERVIÇO

O CORPO QUE EU HABITO
Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338 – Largo do Machado)

De 20 a 29/9, de sexta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 40, R\$ 30 (promocional MINC), R\$ 20 (meia) e R\$ 15 (meia promocional MINC)

OFICINA O CORPO QUE HABITAMOS

17 a 19/9, de terça a quinta (10h às 13h) | Gratuito.

Inscrições no link <https://forms.gle/2Kmeao4rTqAo7Td5A>

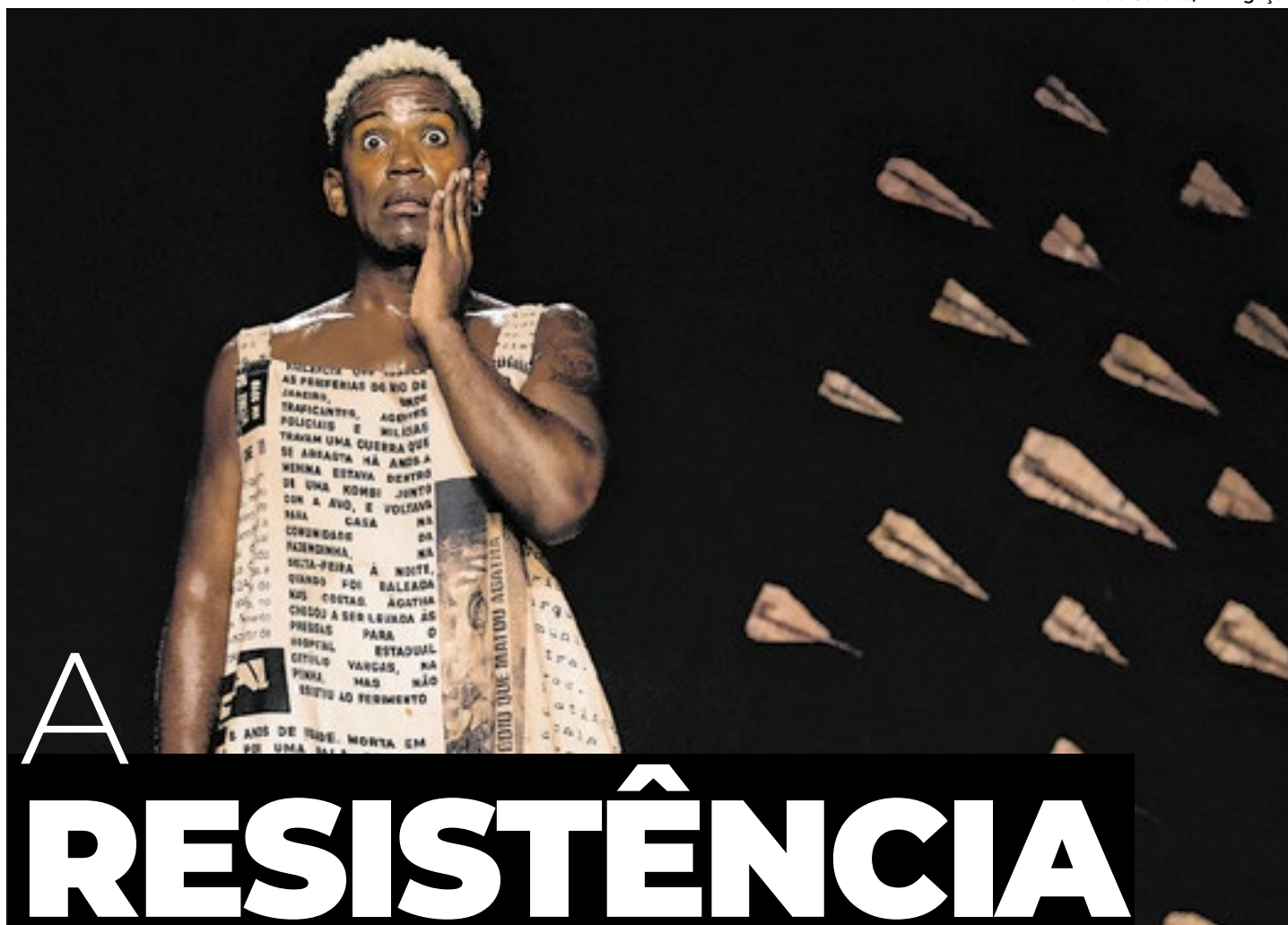
Reconstituindo vivências dolorosas através da arte, gerando reflexão e almejando mudanças. Assim nasceu “Não corre, menino!”, espetáculo autoral da Cia Nosso Olhar, de Santa Catarina, com dramaturgia e atuação de Leandro Batz. Dirigido por Nataly Delacour e com co-direção de Wallace Almeida, a peça está em cartaz no Teatro II do Sesc Tijuca. A montagem conta a história de Eduardo da Silva Santos, menino negro de 11 anos que foi alvo de uma bala perdida.

Trazendo à tona a reflexão sobre o racismo contra os corpos negros no Brasil, país onde a cada 12 minutos uma pessoa negra é assassinada, o monólogo nos leva a acompanhar a rotina de uma criança negra que tem sua vida rabiscada pela violência policial - e chama atenção especialmente para a violência contra as crianças negras e periféricas.

A história é marcada pela luta pela sobrevivência, identidade racial e social, mas também é a história de uma criança e a sua relação com a família onde, apesar da vida simples e sem luxo, existia amor. Quando o personagem Eduardo se torna um alvo, ele se lembra do pai, que era músico - uma homenagem a Evaldo, músico negro que durante um passeio com a família em 2019, foi alvejado por 257 tiros de fuzil do Exército, tendo seu carro atingido por 62 disparos, e morreu na hora. E, mesmo que o personagem, uma criança, não tenha um pensamento engajado politicamente, ele fez uma das coisas mais importantes a serem feitas: Eduardo canta o amor. “E isso também é fundamental, essa é a parte da obra que gostaríamos que não fosse apenas ficção”, destaca a diretora Nataly.

A dramaturgia nasceu em 2020, em plena pandemia, através de um exercício de escrita da Cia Nosso Olhar sobre a infância negra. No auge da pandemia, enfrentando dificuldades para ensaiar o espetáculo, o texto foi montado através de ensaios remotos. “Nós enfrentamos tantas dificuldades para ensaiar, que meu pai, Telio Batista, construiu uma sala de teatro no quintal de casa para que pudéssemos trabalhar nesse espetáculo. Nós batizamos essa sala de Espaço Téliu B, fica no Morro da Mariquinha, em Florianópolis. Em fevereiro de 2021, estreamos de forma virtual no Festival Felino Preta (SP)”, relembra Leandro, cujo processo para escrever esta narrativa foi lembrar de um ato truculento que a Polícia Militar de Florianópolis produziu com um de seus irmãos.

“Num sábado de manhã, fazíamos compras eu, meu irmão, minha mãe e uma tia. Precisávamos ligar pro meu pai em um telefone público, e eu e meu irmão corremos em direção ao telefone. Uma viatura da polícia



A RESISTÊNCIA EM CENA

Monólogo que aborda a violência policial sobre corpos pretos e periféricos, incluindo o de crianças, traz reflexão sobre o genocídio negro

militar apareceu no meio do calçadão e jogou o carro em direção ao meu irmão, que foi jogado com os braços abertos em cima do capô do carro tendo uma arma apontada pra sua cabeça. Mediante os gritos desesperados de minha mãe e minha tia, os policiais alegaram que uma pessoa de amarelo havia roubado uma loja. Meu irmão, uma criança negra de

12 anos, vestia um casaco da mesma cor. Para a polícia militar brasileira, menino preto correndo é bandido”, rememora.

Essa lembrança, misturada com a quantidade de pessoas negras assassinadas em plena pandemia, foi o estopim para a escrita do texto, que se tornou uma peça teatral no mesmo ano em que foi escrita. O solo já foi assistido por mais de 4 mil pessoas no Brasil e no exterior, tendo participado de diversos festivais nacionais e internacionais. A montagem recebeu o Prêmio Aldir Blanc (2021) e Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura (2022), sendo ainda um dos 10 espetáculos catarinenses selecionados para catálogo da Quadrienal de Praga, o maior evento dedicado à arte da cenografia no mundo. Embora seja uma obra dolorosa, a montagem também é uma peça de esperança, de futuros possíveis.

“Esta é uma obra que traz consigo a denúncia contra o racismo estrutural, e também uma forma de mostrar que estamos aqui e lutamos por futuros melhores para a negritude brasileira. No Brasil tem-se a consciência do genocídio negro no Rio e em São Paulo, mas existe uma invisibilidade dos

corpos negros no sul do país - que enfrentam os mesmos problemas. É impossível sermos artistas negros e negras e não denunciarmos estas formas de violência nos lugares em que expressamos nossa arte e nossa forma de ver o mundo. Esperamos contribuir para o debate acerca de como o racismo se estrutura no nosso país, e incitar ainda mais a reflexão de que a ‘bala perdida’ é, na verdade, uma forma de minimizar o projeto colonial que segue se expressando em todo o país”, deseja Leandro.

A Cia. Nosso Olhar, fundada em 2019, é um coletivo independente de arte formado por artistas de Florianópolis, voltado à pesquisa e prática da arte negra. Destaca-se por espetáculos como “Tarzan - Um novo Olhar” (2019), “Não Corre, Menino!” (2021), “Dona Jacinta” (2022) e “Força das Yabas” (2023). Além dos trabalhos realizados no teatro, a Companhia promove anualmente a Vivência Nosso Olhar, um encontro gratuito de imersão artística para pessoas negras.

SERVIÇO

NÃO CORRE, MENINO!

Teatro II do SESC Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)

Até 29/9, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e gratuito (PCG)

A 'volta' de Cazuzza ao Rock in Rio



Barão Vermelho emocionou o público do festival ao lançar música com letra inédita do poeta. Conheça a canção

Reprodução TV



Com uma imagem de Cazuzza ao fundo, o Barão Vermelho apresentou 'Do Tamanho da Vida', letra inédita do artista que a banda recebeu de presente de Lucinha Araújo para musicar

Por Affonso Nunes

Emoção e nostalgia tomaram conta da plateia do Palco Sunset do Rock in Rio no último domingo. A música inédita "Do Tamanho da Vida" foi tocada de surpresa pela primeira vez no festival, quando a banda se apresentou na edição de 40 anos depois do show histórico na primeira edição do evento, em 1985.

Originalmente, trata-se de uma poesia do Cazuzza (1958-1990) que Lucinha Araújo (mãe do artista) deu para o baterista Guto Goffi, fundador do Barão. Logo depois, uma reunião dos atuais integrantes da banda musicou o texto numa bela criação coletiva. Desde a canção "Sorte e Azar" (Cazuzza/Frejat), de 2013, que o grupo não gravava música inédita de seu primeiro vocalista. "Do Tamanho da Vida" já pode ser ouvido em todas as plataformas digitais de música.

Para Guto, compor uma nova música para o Barão com letra inédita do Cazuzza "é como ganhar um prêmio especial do universo". "É impressionante como o Cazuzza impri-

Reprodução



Cazuzza na eletrizante apresentação do Barão Vermelho. O show pavimentou a estrada do Barão para se tornar uma das maiores bandas do gênero no país

me a realidade da vida nas músicas feitas pelo Barão, é dose dupla na veia, e do tamanho da vida, não existe nada maior que isso no universo dos homens", comemora o baterista.

E o guitarrista Fernando Magalhães faz coro ao colega de banda. "É uma letra linda, gentilmente cedida pela Lucinha que, para a nossa sorte, tivemos a felicidade de consegui-

transformamos em uma emocionante canção", conta, rerefindo-se ao processo criativo que deu forma final aos versos de um dos poetas mais representativos do rock nacional e, é claro, da música popular brasileira.

O mais novo integrante da banda, o vocalista e guitarrista Rodrigo Suricato, um temporão do grupo, puxa de sua privilegiada memória roqueira e garante não conhecer outra banda que tenha se apresentado no Rock in Rio com três vocalistas diferentes e ainda com um show pulsante. "Do Tamanho da Vida" é uma celebração da história da banda e decidimos musicar uma letra inédita do Cazuzza pra tê-lo conosco nessa virada de turnê", explica o músico que chegou à banda em 2017 com a missão de substituir Frejat nos vocais. Frejat foi o vocalista do grupo por anos após a saída de e Cazuzza do Barão.

Outro fundador da banda, o tecladista Maurício Barros, reforça a grande alegria lançar (mais uma vez) uma música em parceria com Cazuzza. "Esse grande poeta com o qual tivemos a sorte de conviver no início do Barão. Estamos muito felizes porque a música

A letra

DO TAMANHO DA VIDA

(Cazuzza/Guto Goffi / Maurício Barros / Fernando Magalhães / Rodrigo Suricato)

De segunda a domingo
Trabalhamos amigo
Servimos de abrigo
Inventamos luz
Vendemos saúde
Que deus nos ajude
Se a vida é promessa
Queremos "de luxe"
Nós somos veneno
Sem radicalismo
Na primeira esquina
Dividir o nosso íntimo
Pra nós tanto faz
O tamanho da vida
Numa troca de olhares
Do tamanho da vida
Gostamos de escuro
Sol ou meia luz
Se a vida é pesada
A culpa é da cruz
Pra nós tanto faz
O tamanho da vida
Numa troca de olhares
Do tamanho da vida

ficou muito forte como achamos que a letra deixada por nosso amigo merecia".

Em 1985, um show marcante

O show do Barão na primeira edição do Rock in Rio é considerado um dos momentos mais marcantes da história do rock brasileiro. A apresentação da banda liderada por Cazuzza foi um verdadeiro show de força, com o público cantando em coro todos os hits e vibrando com a energia contagiante de uma banda de garotos.

O setlist era de canções autorais da banda que viriam se tornar autênticos hinos do chamado Rock Brasilis (ou BRock) como "Pro Dia Nascer Feliz", "Maior Abandonado", "Simplesmente" e "Eu Não Tê Amo Mais", que se tornaram ainda mais populares após a apresentação no festival. A performance de Cazuzza, com sua interpretação peculiar e carisma inigualável, emocionou a todos.

O show consolidou a banda como um dos maiores nomes do rock brasileiro no momento em que ele vivia seu auge. A apresentação foi registrada em um álbum ao vivo, que se tornou um dos mais vendidos da carreira da banda.